

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR

GUILHERME MATTAR

JAIRO DO NASCIMENTO –
A MURALHA NEGRA DO CLUBE COXA-BRANCA

CURITIBA-PR
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUILHERME MATTAR

JAIRO DO NASCIMENTO
A MURALHA NEGRA DO CLUBE COXA BRANCA

CURITIBA

2014

GUILHERME MATTAR

JAIRO DO NASCIMENTO
A MURALHA NEGRA DO CLUBE COXA BRANCA

Projeto teórico apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, do setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do professor Luiz Paulo Maia.

CURITIBA
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL
DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

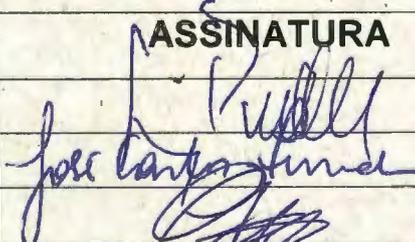
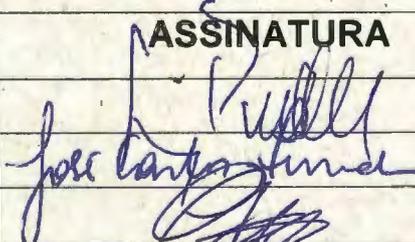
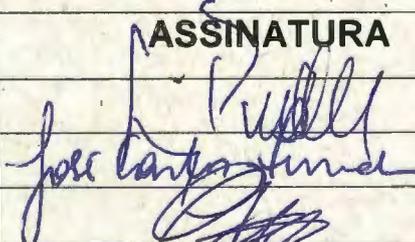
NOME DO ALUNO: GUILHERME MATTAR

TÍTULO: "JAIRO: A MURALHA NEGRA DO CLUBE COXA BRANCA".

LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,
realizada no LABCOM I do DECOM, no dia 11/12/13, às 09h00.

BANCA EXAMINADORA	NOTA
LUIZ PAULO MAIA (Orientador)	100
JOSÉ CARLOS FERNANDES	100
GIL ROCHA (convidado)	100
MÉDIA FINAL:	100

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
LUIZ PAULO MAIA (Orientador)	
JOSÉ CARLOS FERNANDES	
GIL ROCHA (convidado)	

Curitiba, 11 de dezembro de 2013.

Sumário

Introdução	4
1. Tema	5
2. Objetivos	6
2.1 Geral	6
2.2 Específicos	6
3. Justificativa	7
4. Fundamentação teórica	9
4.1 O livro reportagem	9
4.1.1 Tipos de livro-reportagem	11
4.1.2 Livro-reportagem: estendendo o jornalismo das redações	14
4.2 New Journalism	18
4.3 Jornalismo híbrido no Brasil	23
4.3.1 Revista Realidade	24
4.3.2 Jornal da Tarde	25
4.3.3 Jornal O Pasquim	26
5. O futebol	27
5.1 A chegada aos jornais e revistas	27
5.2 Os cronistas	28
5.3 O goleiro	30
5.3.1 O primeiro ídolo do futebol nacional	32
5.3.2 Futebol paranaense no gol da seleção	33
6. Jairo do Nascimento: a relação com o Coritiba	36
6.1 Desconfiança na chegada ao Alto da Glória	36
6.2 Títulos e recordes	37
6.3 Segunda passagem	38
6.4 Seleção Brasileira	39
6.5 Legado	39
7. Procedimentos metodológicos	41
8. Conclusão	42
9. Referências bibliográficas	43

Introdução

Este projeto irá servir de base para a elaboração de um livro-reportagem acerca das passagens do goleiro Jairo do Nascimento pela equipe de futebol do Coritiba Foot Ball Club, situada em Curitiba (PR). Será dada ênfase no primeiro período em que Jairo defendeu a meta coritibana, entre os anos de 1972 e 1976. Paralelamente à história do arqueiro, o projeto intenciona mostrar a questão do preconceito racial sofrido por negros durante o século XX, e como esta situação se discorria na década de 1970.

Jairo é amplamente considerado o melhor goleiro a vestir a camisa coxa-branca, tendo driblado a desconfiança inicial da torcida – a ideia de um goleiro negro era extremamente mal vista no futebol brasileiro – e tornado-se ídolo no clube fundado por alemães em 1909. É reconhecido como uma das peças-chave na conquista do hexacampeonato paranaense (1971-76) e do Torneio do Povo, primeiro título a nível nacional conquistado por uma equipe do Sul do Brasil, em 1973.

O formato escolhido para a execução da pesquisa se deve pelo produto (no caso, o livro-reportagem) possibilitar a representação da história de Jairo de um modo mais próximo à realidade. Mais detalhes da trajetória esportiva do goleiro podem ser contemplados. A despreocupação editorial e a abertura a um trabalho diferenciado foram outros fatores preponderantes na escolha deste suporte.

Além de relatar a história de Jairo, o trabalho pretende mostrar a forma como a sociedade paranaense lidou com o afrodescendente na era pós Lei Áurea, mostrando, em linhas gerais, como isto impactou nas agremiações de futebol do século XX.

1. Tema

O tema escolhido para este Trabalho de Conclusão de Curso é a passagem do goleiro Jairo do Nascimento pelo Coritiba, abordando prioritariamente o primeiro período em que defendeu a meta alviverde – entre 1972 e 1976. A importância da escolha de Jairo como personagem se dá pelo fato de ele ter ajudado a quebrar tabus vigentes tanto no futebol quanto na sociedade brasileira como um todo.

Vindo do Fluminense, o arqueiro espantou a torcida coxa-branca pela altura – era incomum a presença de camisas 1 de grande estatura, como a dele (1,94m). Além disso, atletas negros eram raros e estigmatizados naquela posição. Desde a Copa de 1950, quando Barbosa foi apontado como causador da derrota brasileira para o Uruguai, por 2 a 1 em pleno Maracanã, criou-se a lenda de que afrodescendentes não teriam condições de atuar como goleiros.

Tornando-se ídolo de um clube fundado por alemães, Jairo rompeu barreiras e se transformou em lenda no Alto da Glória. Recordista de partidas disputadas pela equipe, 440 ao todo (dado oficial), o jogador ajudou de forma decisiva nas conquistas do hexacampeonato estadual (1971-76), Torneio do Povo (1973) e, já na segunda passagem, do Campeonato Brasileiro (1985) e do Campeonato Paranaense de 1986.

Por ter driblado o início conturbado no Coritiba e obtido o status de ídolo com defesas importantes, Jairo é uma figura essencial para se compreender o impacto do preconceito racial no futebol.

O livro-reportagem mostra-se o formato mais eficaz de produto para a execução deste projeto pelo fato de possibilitar uma maior e melhor apuração dos fatos, podendo contextualiza-los com perícia não verificada em outros suportes. Abordar a história de Jairo no Coritiba, bem como analisar a conjuntura social que permeou o futebol local na primeira metade do Século XX, impactando na era contemporânea, torna-se uma tarefa mais eficaz quando se opta pelo livro-reportagem.

Desta maneira, os pormenores relativos a tais assuntos podem ser tratados da maneira como merecem, uma vez que o futebol representa uma manifestação cultural de grande importância tanto no Paraná quanto no Brasil. Com o livro-reportagem, é possível discorrer os temas sem limitações de espaço e conteúdo.

2. Objetivos

2.1 Geral

Elaborar um livro-reportagem como produto do projeto final do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, baseando-se em teorias, preceitos, técnicas e métodos jornalísticos adquiridos ao longo da graduação.

2.2 Objetivos Específicos

- Documentar o período em que Jairo do Nascimento atuou como goleiro do Coritiba, entre 1972/76 e, posteriormente, 1983/87 – dando ênfase ao primeiro momento.

- Relatar a relação entre negros e clubes de futebol, através do exemplo do Coritiba Foot Ball Club e outras equipes curitibanas.

- Analisar como Jairo tornou-se o maior goleiro da história de um clube fundado por alemães elitistas e superou o preconceito racial e o medo de se confiar o gol de uma agremiação esportiva a um afrodescendente – mito surgido na torcida brasileira após a derrota nacional na Copa de 1950;

- Discorrer estatisticamente, veiculando pontos marcantes da carreira de Jairo no Alto da Glória: títulos conquistados, número de partidas jogadas, gols sofridos e convocações à Seleção Brasileira.

3. Justificativa

A contribuição que este livro-reportagem busca trazer para a os estudos de Comunicação, e para a sociedade como um todo, está no sentido de aprofundar a compreensão acerca de um personagem importante do futebol paranaense. Jairo do Nascimento representou modificações em antigas valorações vigentes em décadas anteriores à sua chegada ao Alto da Glória. Ver um negro ídolo de uma agremiação esportiva formada por imigrantes de origem alemã era um grande desafio. Ainda mais na posição de goleiro, estigmatizada na falha de Barbosa no jogo decisivo da Copa do Mundo de 1950. Além disso, em muitos momentos, a história de Jairo se confunde com a história do próprio Coritiba, visto que o atleta esteve presente nos momentos mais gloriosos vividos pela equipe – hexacampeonato estadual, conquista do Torneio do Povo e, na segunda passagem pelo clube, obtenção do Campeonato Brasileiro e de outro campeonato estadual (já como reserva de Rafael).

A análise da trajetória de Jairo no futebol do Paraná torna possível, também, a abordagem do preconceito racial no ambiente esportivo e na sociedade, possibilitando a discussão referente à figura do negro no futebol local. Entender a questão do negro é elucidar o desenvolvimento brasileiro enquanto nação, visto que os costumes da população do Século XX são fruto do ocorrido anteriormente – notoriamente, o fim da escravidão, em 1888, a instauração da República, um ano mais tarde, a disseminação do imigrante em território nacional.

A discussão sobre identidades na pós-modernidade é de grande relevância para compreendermos as relações sociais contemporâneas. Esta discussão é hoje, mais delicada e necessária devido à fragmentação identitária, oriunda de uma série de transformações histórico-sociais resultantes do processo de globalização (HALL, 2006).

Desde os anos 1990, a historiografia se preocupa em partilhar estudos sobre formas de reunião popular, pertinentes ao lazer, donde o futebol aparece em destaque por seu apelo democrático. Encará-lo como fonte de estudos acadêmicos transpõe antigas barreiras e faz-se necessário para um entendimento mais harmonioso e fidedigno da contemporaneidade.

É nesse sentido que este projeto anseia corroborar. Ao relatar as características da sociedade da primeira metade do século XX no Paraná, que

impactaram no futebol local dos anos 1970 e 80, a pesquisa estabelece um paralelo inegável com a ascensão de Jairo ao status de ídolo no Coritiba. O desenvolvimento de Jairo como maior goleiro do clube em sua história representa um marco, sobretudo ao se analisar as origens da equipe, criada por descendentes de alemães.

Nesta linha de raciocínio, o livro-reportagem mostra-se o meio mais elucidativo de enaltecer a importância do atleta analisado. Sem amarras editoriais, com liberdade e espaço para o desenvolvimento da narrativa, o livro permite analisar o futebol, o preconceito racial e a maneira como Jairo tornou-se herói de um clube coxa-branca, desmistificando antigas ideias que imperavam nos torcedores e na sociedade paranaense pós- Século XIX.

4. Fundamentação Teórica

4.1 O formato livro-reportagem

Devido a apresentar um caráter abrangente, o formato de livro-reportagem permite as mais variadas conceituações. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 26), ele pode ser entendido como “o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. Ao mencionar a expressão “grau de amplitude superior”, Lima busca mostrar que determinada temática abordada neste tipo de livro assume um caráter elucidativo maior do que o apresentado nos formatos mais disseminados da notícia – jornais, revistas, *blogs* e formas *online* em geral.

O jornalismo praticado nas redações tende a obedecer padrões horizontalizados, formais, no que tange ao relato. Isso impactaria na abrangência e no aprofundamento do fato, tornando a notícia breve e de fácil assimilação ao leitor. Porém, deixando a desejar no que diz respeito ao conteúdo.

Neste sentido, o conceito “jornalista” poderia até mesmo fugir um pouco da natureza do livro-reportagem. Conforme o apregoado por Ignácio Ramonet, “etimologicamente, o termo ‘jornalista’ significa exatamente ‘analista de um dia’; supõe-se, portanto, que ele analisa o que se passou no próprio dia, ainda que deva ser muito rápido para consegui-lo” (1999, p 74). Esta visão, entretanto, configura-se rasa, uma vez que não valeria para profissionais que trabalham na área do jornalismo investigativo e dedicam meses, até mesmo anos, em pesquisas. Se o caráter imediato da notícia não se aplica no livro, o princípio norteador deste é similar ao de uma reportagem, colocando-o, desta maneira, no panteão do jornalismo. Segundo Lima (2009, p. 39), a função do livro-reportagem é

(...) Informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro de contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo.

Desenvolvendo-se um pouco mais este raciocínio, verifica-se que as particularidades proporcionadas por este método auxiliam a obtenção de resultados mais fidedignos em relação às fontes. Muitas vezes, a abordagem da mídia cotidiana

pode afugentar entrevistados e alterar a veracidade dos relatos. Com mais espaço e menor rigor formal, tais temores tendem a desaparecer, como expressa Lima:

Dos elementos que compõem o livro-reportagem como subsistema do jornalismo, seu catalisador, ou disparador, é a *grande reportagem*, assim como no jornalismo cotidiano o catalisador é a *notícia*. São as técnicas da reportagem de que se vale o livro de relato do real para se comunicar. É visando uma narrativa ampliada que o jornalista se propõe a produzir um livro-reportagem. É na expectativa de encontrar a explicação que o jornal não deu ou de ser informado das ações de bastidores, subjacentes à ocorrência relatada na revista, que o leitor pode motivar-se a um aprofundamento na grande-reportagem que o livro propõe (LIMA, 2009, p. 39).

É importante ressaltar que existem correntes as quais acreditam que as redações de jornais estariam em um movimento intenso de separação do tipo de jornalismo praticado no livro-reportagem. A procura pelo “furo” faria, conforme tais vertentes de pensamento, com que editores defendessem a agilidade em detrimento da qualidade.

Tal visão encontra mérito, posto que, nos dias atuais, é mais raro que se permita algo como o praticado pela revista *The New Yorker*, à época do fim da II Guerra Mundial, com o jornalista John Hersey. Além de viajar a cidade japonesa de Hiroshima, realizar entrevistas com seus perfilados por um período considerável de tempo (permaneceu em solo nipônico de 25 de maio a 12 de junho) e lançar mão de seis semanas - e 31.347 palavras – para redigir um texto jornalístico – em uma postura que, por si só, já rompia com o jornalismo padrão – Hersey retornou para lá décadas mais tarde, a fim de descobrir o que acontecera com seus personagens e escrever um capítulo final para seu *Hiroshima*, - o precursor dos livros-reportagem.

O motivo para o desuso desta prática se daria, basicamente, pela rapidez da vida contemporânea, onde o leitor dificilmente destinaria um grande período de tempo para se dedicar a uma longa leitura. Citado por Czarnobai (2003), Igor Fuser defende que

Os editores dos grandes jornais e revistas acreditam que o leitor atual não tem tempo para reportagens gigantescas lavradas em linguagem pouco objetiva, que só vai explicar a que veio lá pela metade. Além disso, na linha de montagem que marca o processo de elaboração das matérias, ninguém mais se permite o luxo de alocar um bom repórter para ficar um mês inteiro mergulhado numa única pauta (FUSER apud CZARNOBAY, 2003).

A tarefa do livro-reportagem estaria relacionada, portanto, a complementar as lacunas deixadas por periódicos e pelo jornalismo eletrônico, dado o caráter da superficialidade que os marca. A complementação, em si, teria como ponto de

partida o escape da efemeridade – condição combatida pelo livro-reportagem, na medida do possível. O livro, então, carrega consigo a necessidade de atrelar cultura erudita, cultura popular e cultura de massa, combinando linguagem coloquial com linguagem formal na tradução da realidade. O conceito de “cultura erudita”, aqui trabalhado, diz respeito ao entendido por Harold L. Wilensky:

Os gostos comuns imprimem forma à cultura de massa; os padrões críticos sustentados por grupos produzindo autonomamente imprimem forma à alta cultura (WILENSKY, 1964 In COHN, 1978, p. 262).

4.1.1 Tipos de livro-reportagem

Em *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Edvaldo Pereira Lima classifica os livros-reportagem em 13 grandes grupos. A diferenciação é baseada conforme o objetivo particular de cada obra, bem como a forma com que o livro desenrola sua narrativa e a natureza do tema proposto.

Mesmo estabelecendo tais parâmetros de diferenciação, Lima enaltece que a criatividade deve nortear os trabalhos, e que não existe caráter fixo na separação que criou:

A classificação proposta não pode ser considerada final, porque novas variedades podem surgir, em decorrência da flexibilidade e da criatividade peculiares ao livro-reportagem. Tampouco pode ser entendida como uma camisa de força que se impõe à realidade. (...) As modalidades mesclam-se, combinam-se, muitas vezes. O esforço é o de sistematizar uma classificação que elucide o alcance do campo do livro-reportagem, não mais que isso (LIMA, 2009, p. 59).

- Livro-reportagem-perfil: evidencia o lado humano da personalidade retratada. No caso de uma pessoa anônima, busca-se fazê-la representar determinado segmento social. A intenção é trazer à tona a realidade do grupo o qual o perfilado pertence. Um exemplo seria *Yeager*, de Chuck Yeager e Leo Janos¹, que narra a história do primeiro homem a romper a velocidade do som.

- *Livro-reportagem-depoimento*: remonta um dado acontecimento relevante, através de uma testemunha envolvida diretamente ou considerada privilegiada. O autor busca passar uma experiência de bastidores, dinâmica, passando uma ideia de movimento intenso. O *fogo sagrado*, publicado pela Artenova em 1975, faz parte

¹ Nova York, Bantam, 1986.

deste tipo de narrativa. Neste livro, o astronauta Michael Collins relata sua experiência de fazer parte do primeiro voo tripulado a pousar em solo lunar.

- *Livro-reportagem-retrato*: diferentemente do perfil, não focaliza na figura humana, mas, sim, em um segmento da sociedade ou região geográfica. A intenção é traçar o retrato do objeto retratado, mostrando seu funcionamento. Trabalha bastante com a metalinguagem. *Airport international*², da autoria de Brian Moynahan, elucida bem este tipo, ao escolher o aeroporto de Heathrow, em Londres, como exemplo para abordar as minúcias que compõe e envolvem um aeroporto internacional.

- *Livro-reportagem-ciência*: visa à divulgação científica. Envolto geralmente em uma temática específica, pode acarretar função reflexiva e apresentar algum tipo de crítica. O livro *Antártida*, escrito por Luiz Oscar Matzenbacher e lançado pela L&PM, encaixa-se neste grupo.

- *Livro-reportagem-ambiente*: voltado a causas ecológicas. Trata temas acerca da conscientização ambiental, atentando sempre à harmonia relação entre ser humano e natureza. Classifica-se, neste segmento, *Os Andes*, de Tony Morrison³. De forma romantizada, a obra trata de aspectos geográficos da cordilheira sul-americana e suas histórias.

- *Livro-reportagem-história*: retrata um assunto ocorrido há tempos, buscando o aproximar da realidade do leitor (através de um elo comum com o momento atual, por exemplo). Fernando Moraes representaria esta vertente com seu *Olga*. O elo, neste caso, seria a presença de Luís Carlos Prestes – (ex-companheiro de Olga Bénario) – no Brasil redemocratizado, à época de lançamento do livro.

- *Livro-reportagem-nova consciência*: traz à tona temáticas surgidas de movimentos que abalaram o mundo em épocas passadas – tais como a aproximação entre culturais ocidentais e orientais (fruto da globalização), o movimento de contracultura dos anos 1960, entre outros. Ao debater o islamismo, *Murieron para vivir: el resurgimiento Del Islam y el Sufismo em España*, de Francisco López Barrios e Miguel José Haguerty, lançado pela Argos Vergara de Barcelona, em 1983, configura-se nesta tendência.

² Londres, Pan, 1978.

³ Rio de Janeiro, Cidade Natural, 1982.

- *Livro-reportagem-instantâneo*: dedica-se a ressaltar um acontecimento fresco, recém-concluído. Basicamente, restringe-se ao tema principal, com poucos desdobramentos. Edvaldo Pereira Lima vê este tipo de livro-reportagem como recheado de efemeridade:

Prefiro essa terminologia (livro-reportagem-instantâneo) em lugar de *livro-flash*, porque creio que o termo *flash*, quando ligado ao jornalismo, passa ao leitor uma conotação de algo ágil mas superficial, como se fosse eventualmente uma matéria trabalhada no espírito frívolo, altamente perecível, da nota. O termo *instantâneo*, creio, conota velocidade, mas não vem cercado de efemeridade. Um sinônimo que acredito ser procedente é o de *livro-reportagem da história imediata* (LIMA, 2009, pg. 56).

Da autoria de Hamilton Almeida Filho, *A sangue quente: a morte do jornalista Wladimir Herzog*, da Alfa-Omega, exemplifica com exatidão este tipo.

- *Livro-reportagem-atualidade*: também corre atrás de um tema atual, mas vai de encontro a um foco de menor repercussão do que o livro-instantâneo. Por este caráter de peculiaridade, faz o leitor de aproximar da realidade tratada, tornando possível a ele conhecer as origens do tema. Escrito por Duncan Campbell-Smith, *Struggle for take off*⁴ trata da privatização da companhia britânica British Airways enquanto esta estava em desenvolvimento (conotando uma espécie de flagrante, o que geraria interesse por parte do público).

- *Livro-reportagem-antologia*: compila reportagens agrupadas conforme diferentes critérios, já publicadas em outros livros ou na imprensa em geral. Podem ser matérias de tema único ou que obedeçam a algum determinado foco (jornalismo cultural, por exemplo). *O circo do desespero*, de Audálio Dantas⁵, reúne textos do jornal *Folha de São Paulo* e das revistas *O Cruzeiro* e *Realidade*, de um período que compreende os anos de 1957 a 1972.

- *Livro-reportagem-denúncia*: busca fazer justiça, indo atrás de escândalos, abusos cometidos por autoridades e governos e casos polêmicos, conotando propósitos claramente investigativos. Escrito por Julio Lara Alonso, *La verdad irrefutable sobre ele crimen de Barbados*⁶ vai contra um episódio considerado como um atentado aos cidadãos e bens políticos cubanos no exterior, no final da década de 1970.

⁴ Londres, Coronet, 1986.

⁵ São Paulo, Símbolo, 1976.

⁶ Havana, Política, 1986.

- *Livro-reportagem-ensaio*: o autor pontua seu texto com opiniões próprias, tendo a intenção de convencimento do leitor em relação ao ponto de vista o qual veicula na obra. Geralmente emprega uso da primeira pessoa no que tange ao foco narrativo. Um livro que faz parte desta modalidade é *O despertar dos mágicos: introdução ao realismo fantástico*, editado pela Bertrand Brasil e escrito por Loius Pauwels e Jacques Bergier.

- *Livro-reportagem-viagem*: preocupado com a pesquisa e a coleta de dados, apresenta uma viagem como fio condutor da história e relata minúcias geográficas a fim de registrar um panorama sociológico do local focalizado. *The Old Patagonian Express*, de autoria de Paul Theroux⁷, faz parte deste grupo. Nele, o autor estabelece uma narrativa de uma viagem de trem feita de Boston, Estados Unidos, até uma estação do extremo sul da América do Sul, localizada na região da Patagônia argentina. O livro abre espaço para aspectos políticos, econômicos e culturais, saindo do mero folclore de uma viagem.

Independentemente da classificação que particularmente lhe for conferida, o livro-reportagem seria o local ideal para o desenvolvimento de um jornalismo holístico, com abordagem contextual. Nele, a concepção básica de linearidade – relação de causa e efeito – que impera na reportagem da imprensa contemporânea é rompida. Além do fato, em si, busca-se enaltecer seus antecedentes e fatores condicionantes. Ocorre, portanto, a transcendência do que marca puramente o fato – o mergulho no passado, considerado pela imprensa tradicional como tarefa da história, com um busca pelo inexplorado. Segundo definição de Lima:

Em síntese, é para isto que serve basicamente o livro-reportagem: para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional. Mais ainda, o livro-reportagem transcende as concepções norteadoras do jornalismo atual. Tem potencial para assumir posturas experimentais. Tem pique suficiente, se trabalhado de forma adequada, para fazer nascer a vanguarda de um jornalismo realmente afinado com as tendências mais avançadas do conhecimento humano contemporâneo. (LIMA, 1998, p. 16)⁸

⁷ Harmondsworth, Middlesex, Penguin, 1982.

⁸ LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 16.

4.1.2 Livro-reportagem: estendendo o jornalismo das redações

Diferentemente do jornalismo diário, pautado pelo anseio desenfreado por uma objetividade e imparcialidade aparentes, a proposta do livro-reportagem é calcada no reconhecimento da intervenção do narrador/jornalista naquilo que se propõe a analisar. Entretanto, apesar da limitação posta à revelia, tal impacto é sempre deixado no menor grau possível. A ideia, com isso, é transformar um potencial defeito jornalístico em virtude, uma vez que abriria possibilidade para a exploração de novos horizontes. Esta função seria, deste modo, análoga ao papel central da reportagem no ofício comunicacional:

Não existe objetividade jornalística, então. Fiquemos bem claros nisso. Mas a reportagem tenta, considerando as camadas sobrepostas de condicionamentos que filtram o nosso contato direto com a realidade, reproduzi-la da maneira mais completa possível. Isso é feito com uma linguagem que busca um certo perfil estético. O texto da reportagem procura informar e aprofundar um tema. Mas se propõe a fazer isso de forma gostosa, envolvente, tentando satisfazer a um público de perfil variado. (LIMA, 1998, p. 11)

Esta modalidade visa à extensão das características informativa e orientadora da imprensa – o que pode ser visto tanto no aspecto horizontal, quanto no aspecto vertical. Horizontal no sentido de que o leitor poderia se informar mais, em comparação ao jornalismo típico, comum. Vertical, no sentido de que a apreensão ocorre de maneira mais profunda pelo consumidor da notícia. Tal constatação equivale a dizer que o livro-reportagem se apropria e incorpora características inerentes ao jornalismo, mas introduz outras, dado o seu caráter experimental intrínseco.

Conforme Lima (1998, p. 28): “há preocupação não apenas em produzir um texto atraente, mas também em cuidar dos aspectos plásticos do livro”. O lado sisudo da diagramação dos periódicos escondia a importância da estética. Com o livro, a plástica pode, enfim, andar de mãos dadas com a qualidade textual.

Um que pode ser útil no entendimento deste tipo de produto reside na Teoria Geral dos Sistemas. Adotando-se o conceito de Maria Esmeralda Ballesteros Alvarez, se tem que:

Sistema pode ser definido como um conjunto de elementos interdependentes que interagem com objetivos comuns formando um todo, e onde cada um dos elementos componentes comporta-se, por sua vez, como um sistema cujo resultado é maior do que o resultado que as unidades poderiam ter se funcionassem independentemente. Qualquer conjunto de partes unidas entre si pode ser considerado um sistema, desde

que as relações entre as partes e o comportamento do todo sejam o foco de atenção (ALVAREZ, 1990, p. 17).

O todo seria composto por conjuntos de partes interligadas entre si. Empregando este raciocínio no jornalismo, vê-se afinidade notável entre os sistemas formadores do todo e os conceitos vinculados às ideias de espaço e tempo na comunicação social. Lançando mãos dos termos espaciais como exemplificação, temos que, no centro de tudo, está o fato nuclear, aquele que desperta curiosidade a nível jornalístico. Em torno, numa primeira esfera, estaria o espaço geográfico imediato da ocorrência do fato. Na segunda esfera, estaria um fato secundário e um espaço de alguma forma relacionado ao fato nuclear. E assim sucessivamente.

O mesmo valeria para a dimensão tempo, onde, no centro, aparece o presente, no qual o fato nuclear se dá. Ele estaria envolto por uma segunda esfera, que representaria o tempo imediatamente anterior ao acontecimento jornalisticamente relevante. Posteriormente, se verificaria uma esfera mais global, onde a raiz do fato poderia ser encontrada, e assim por diante. No que tange ao livro-reportagem, um tema que se desdobre em várias esferas é o ideal, já que incita riqueza de detalhamento e concede o leitor a possibilidade de uma mais fidedigna verificação da verdade. Mas existem riscos que o jornalista deve ficar atento, caso enverede por várias esferas diferentes em uma mesma narrativa, reforça Lima:

Quanto mais força e repercussão tem um acontecimento, maior o número de esferas adicionais afetadas. Quanto maior o número de esferas envolvidas, tanto maior a possibilidade de a narrativa evoluir de uma simples nota para notícia, para a reportagem, para o livro. Só que, à medida que esferas externas ao fato nuclear são envolvidas, maior a possibilidade de a narrativa abandonar o fato nuclear em si, como foco central, e se preocupar muito mais com a situação, com o contexto, para trabalhar extensiva e/ou intensivamente o tema que aborda. O livro-reportagem preocupa-se necessariamente com temas ricos o bastante para envolver várias esferas concêntricas (LIMA, 1998, p. 31).

O processo de elaboração das grandes reportagens – supressumo o qual constitui os livros de orientação jornalística – passa por quatro grandes etapas: pauta, captação, redação e edição. Os grandes diferenciadores do que é feito em livros-reportagem residem nas duas primeiras: pauta e captação. A primeira é marcada por particularidades, tais como liberdade temática e de angulação, de modo a não sujeitar o trabalho a aspectos corporativos ou editoriais. Além disso, caracteriza-se pela utilização das mais variadas fontes, abordagens e propósitos.

Tudo para salvaguardar o resultado final da influência de fatores que reduzem a qualidade da produção de notícias em redações de periódicos.

Mas o ponto culminante, que possui grande importância, é a etapa de captação, vital para a construção da reportagem vindoura – sobretudo em se tratando de um livro.

O grande instrumento para captação, altamente difundido, é a entrevista. Entretanto, ela não surge em um modo único. É comum até mesmo no meio da comunicação considerar este mecanismo de maneira simplória, sem atentar a particularidades. Sobre este modo vicioso de o profissional do jornalismo encarar a entrevista, não conseguindo cogitar nada além de seu entrevistado, além de respostas-clichê e previamente aguardadas, Dulcília Schroeder Buitoni considera:

Se não é aplicável o esquema de perguntas e respostas programadas, o repórter acha que não está diante de um fato jornalístico, pois não acredita que haja perguntas e repostas que ele não conheça. Só trabalha com narrativas fechadas e com probabilidades previamente conhecidas. Ora, essa improbabilidade de enxergar além do padrão aumenta muito a pobreza do conhecimento pertencente à notícia (BUITONI, 1986, p 28).⁹

Defensora do diálogo, Cremilda Medina pontua, em linha de raciocínio similar:

Reforçar o fenômeno de identificação e de fluência do diálogo na técnica de entrevista permanece na esfera do desempenho, da eficácia dos meios de comunicação coletiva. Enquanto insistirmos na competência do fazer, despojada do significado humano, pouco se avançará no diálogo possível numa sociedade em que impera a divisão, a grupalidade, a solidão. Se os meios são de comunicação, que se encare então o que é comunicar, interligar. O maior obstáculo é o dirigismo com que se executam as tarefas de comunicação social. Na maior parte das circunstâncias, o jornalista (comunicador) imprime o ritmo de sua pauta e até mesmo preestabelece as repostas; o interlocutor é conduzido a tais resultados. A caricatura deste fato se difunde por aí em entrevistas de televisão, cujo script é pré-moldado, ensaiado, ficando pouca margem para o entrevistado decidir qual o rumo de seu pensamento ou de seu comportamento. O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa. O que efetivamente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo decidiu. (MEDINA, 86, p. 7)¹⁰

O livro-reportagem dá condições para que esta etapa da elaboração do texto possa ser executada evitando-se os erros acima mencionados. A entrevista pode, então, ser veiculada em uma obra através das seguintes principais maneiras¹¹:

⁹ “Texto-documentário: espaço e sentido”, Tese de Livre-Docência, p. 28.

¹⁰ **Entrevista**, p. 7.

¹¹ LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição. Barueri, SP; Manole, 2009. ps. 107-134.

- *Entrevistas de compreensão*: comparada ao jornalismo cotidiano, possui uma individualidade própria, expressando-se por si própria. Exalta a relação dialógica entre entrevistador e entrevistado de forma fluente e natural, uma vez que não ocorrem empecilhos formais na execução da pauta. A criatividade encontra espaço para se desenrolar.

- *Histórias de vida*: aparece na forma clássica de entrevista, reproduzindo o diálogo entre as partes envolvidas. Nem sempre aparecem dotadas de observação participante. Busca-se com este recurso obter uma humanização do entrevistado.

- *Observação participante*: particularmente explorada no movimento do *New Journalism*, nele o jornalista faz parte daquilo que narra. A legitimidade do método se daria por ele estar inserido na realidade que retrata. Todavia deve-se ressaltar que esta interferência se dá com cautela, a fim de não afetar o resultado final do trabalho.

- *Visão pluridimensional simultânea*: Verificada através do enfoque. Seria, segundo Lima (2009, p. 130), uma espécie de “lente que passa a observar a realidade na dimensão ampliada perceptível pela ciência moderna”. O reducionismo cartesiano dá lugar, nesta lógica, a uma incorporação de óticas modernas absolutamente abrangentes. Os monólogos interiores dos personagens das matérias do *new journalism*, aliados a seus fluxos de consciência, representam esta vertente.

4.2 New Journalism

Literatura e jornalismo possuem estigmas os quais os fazem serem considerados, na maioria das vezes, como campos segmentados entre si. Um dos movimentos dispostos a derrubar esta barreira foi iniciado nos Estados Unidos, entre as décadas de 1940 e 1960: o *New Journalism*. O objetivo principal deste gênero era misturar a narrativa jornalística típica com a literária, quebrando determinadas regras utilizadas praticamente como dogmas na comunicação social – entre elas, o mecanismo da pirâmide invertida e do lead. O *New Journalism* é encarado com uma forma de proporcionar fôlego ao exercício do jornalismo, rompendo barreiras – principalmente no que tange ao livro-reportagem – e fomentando o desenvolvimento de um produto mais eficaz qualitativamente:

Apesar do intercâmbio de influências entre o jornalismo e a literatura, o primeiro sempre foi considerado inferior em termos de domínio da arte de narrar. Mas a exuberância e a sofisticação estilística alcançadas pelo *new journalism* americano, tendência que reviveu a tradição do jornalismo praticado com requintes literários, revigorou sobremaneira a grande reportagem, em especial na forma de livro, fazendo muita gente rever suas críticas. Porque o salto de qualidade foi considerável (LIMA, 1998, p. 44).

Os anos 1960 são considerados como vitais para o desenvolvimento do New Journalism. À época, os Estados Unidos vivenciavam o movimento hippie, que contestava valores da sociedade e propondo o rompimento da estrutura que comandava as relações humanas. A sociedade era encarada como algo o qual deveria se adequar às necessidades do homem, invertendo o estigma vigente. A mídia – em geral – evitava cobrir essa modificação na maneira de pensar. Estavam presos à necessidade de captar fatos atuais e não contemplavam os hippies em suas reportagens, uma vez que a estrutura padronizada do jornalismo não servia para elucidar o movimento. Foi a partir do reconhecimento desta incapacidade que alguns profissionais da comunicação social passaram a adotar mecanismos literários em seus textos, segundo Teixeira Coelho.

Aos poucos, alguns profissionais isolados foram percebendo que tudo aquilo formava um extraordinário papel de mutações, sem equivalente na sociedade americana deste século. E compreenderam que registrar, relatar e narrar aquela revolução em movimento exigia um outro procedimento, bem diferente das formas clássicas do jornalismo. Passo a passo, foram despontando experiências em veículos alternativos, em jornais até da grande imprensa, depois passando com vigor para revistas e finalmente alcançando sua forma de expressão máxima em livros-reportagem (COELHO, 2003, ps. 45-46).¹²

Não se sabe ao certo a origem do termo New Journalism. O surgimento da expressão é desconhecido mesmo por quem fez parte da escola, como Tom Wolfe, que evitava considerá-lo como um “movimento”:

Não faço ideia de quem cunhou a expressão ‘novo jornalismo’, nem quando foi cunhada. (...) Foi no final de 1966 que se começou a ouvir as pessoas falarem de ‘novo jornalismo’ em conversa, pelo que posso lembrar. (...) Não era nenhum movimento. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha. (...) Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade (WOLFE, 1973, p. 40).

¹² COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2003. ps. 45-46.

Distanciando-se da frieza do dia-a-dia nas redações, jornalistas como Norman Mailer, Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese aproximaram-se da ficção e encontram um meio de unir campos aparentemente díspares.

Conforme Wolfe, expoente do gênero,

Um novo e curioso conceito, vivo o bastante para inflamar os egos, havia decidido invadir os diminutos confins da esfera profissional da reportagem. Esta descoberta (...) consistiria em tornar possível um jornalismo que... fosse igual a um romance (WOLFE, 1976, p. 18).

Os autores do New Journalism pretendiam contar a realidade da sociedade, levando em consideração todos os aspectos que a envolveriam, bem como causas e consequências do fato o qual retratariam. A intenção, portanto, era informar o máximo possível sobre o assunto relatado, conotando esmero na qualidade.

Anteriormente ao surgimento deste novo jornalismo, alguns escritores prestavam-se a obter notoriedade primeiramente nas redações, para, em um segundo momento, partirem à literatura. No Brasil, tal regra aplica-se a Machado de Assis e, no âmbito ianque, a Ernest Hemingway, entre o final do século XIX e início do século XX. Adiante, no anseio de aprimorar suas obras literárias, autores como Graciliano Ramos passaram a incorporar cada vez mais técnicas jornalísticas.

Os chamados “novos jornalistas” foram ainda mais além, buscando inspiração no realismo social mundial de figuras como o inglês Charles Dickens (1812-1870) o francês Honoré de Balzac (1799-1850) e o russo Fiodor Dostoiévski (1821-1881) para elucidar as minúcias dos acontecimentos que retratavam na década de 1960. Agora, seria possível abordar a contracultura e o movimento hippie. Segundo Tom Wolfe, integrante da revolução vigente,

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível, na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor (WOLFE, 1973, p. 28).

As primeiras publicações a empregar as noções de humanização propostas pelo New Journalism apareceram já nos anos 1930, em revistas como *The New Yorker* e *Esquire*, usualmente figurando em especiais publicados nas edições dominicais. Um dos grandes exemplos destas grandes reportagens se deu com John Hersey, cujo relato das vítimas da bomba atômica lançada pelos Estados Unidos na cidade de Hiroshima, localizada no Japão, foi dado em uma edição

exclusiva da *New Yorker*. O texto de Hersey, intitulado *Hiroshima*, ganhou edição especial em agosto de 1946, de 68 páginas, e foi editado mais tarde na forma de livro, reunindo o depoimento de seis sobreviventes da bomba H. O texto, que oferecia aos leitores a chance de conhecer a história através de quem a vivenciou de perto – com um viés totalmente diferente do que era dado no jornalismo cotidiano, desmistificando a versão contada pelo governo norte-americano – foi altamente elogiado por público e crítica e auxiliou na disseminação da nova escola da comunicação que começava a surgir.

Para quem acreditava que a bomba ajudara a pôr fim na guerra ou que teria sido um mal inevitável, *Hiroshima* era uma resposta. Pela voz dos sobreviventes, o autor nos transmite, com estilo sóbrio, o medo, a confusão, o pânico e a resignação de indivíduos enfrentando uma força cataclísmica.¹³

Em 1985, Hersey retornou à Hiroshima para descobrir o que aconteceu com os personagens de sua obra, quarenta anos depois do lançamento da bomba. Deste reencontro, surgiu um novo capítulo, publicado em nova versão do livro.

Mas foi com o lançamento, em 1966, de *A Sangue Frio*, da autoria de Truman Capote, que o New Journalism ganharia notoriedade, graças ao desenvolvimento mais profundo da narrativa característica dos livros-reportagem. Denominado por Capote como um “romance de não-ficção”, *A Sangue Frio* relata o assassinato dos integrantes da família Clutter, no Kansas (Estados Unidos), por dois supostos ladrões. O autor foi enviado inicialmente pela *The New Yorker* para elaborar uma matéria acerca do caso, mas acabou se dedicando por cinco anos e decidiu transformá-lo em livro. Em 1965, a revista já havia publicado a história, dividida por capítulos.

Com a publicação desse livro, Capote acabou com a barreira que separava a reportagem criminal da literatura. Ao reconstruir o assassinato da família de fazendeiros e a investigação que levou à captura, ao julgamento e à execução dos criminosos, Capote gera suspense e empatia. E o livro se tornou uma aula prática de técnica e estilo, conjugando os detalhes da apuração com o brilho literário.¹⁴

¹³ RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **New Journalism: a reportagem como criação literária**. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (Cadernos de Comunicação. Série Estudos; v. 7). Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. p. 28.

¹⁴ RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **New Journalism: a reportagem como criação literária**. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (Cadernos de Comunicação. Série Estudos; v. 7). Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. p. 17.

Em 1968, foi a vez de outro autor norte-americano conceituado, Norman Mailer, referir-se ao seu *Os exércitos da noite* como uma “história como romance, romance enquanto história”.

Como características similares, os trabalhos pertencentes a essa corrente bebiam do realismo social e o interpretavam conforme uma terceira pessoa, a qual faria parte da história contada e daria seu depoimento autobiográfico – em um processo conhecido como *observação participante*. O narrador utiliza conceito atrelados à vertente literária, tais como fluxos de consciência, diálogos completos – *histórias de vida* – e reconstróem cenas cotidianos de seus personagens. A ideia era recorrer pouco à narrativa histórica, que daria lugar à construção cena a cena, ao caráter instigador. Esses mecanismos, em um primeiro momento, não agradaram à comunidade literária, tampouco aos jornalistas conservadores. A visão apregoada pelos críticos era a de que os relatos seriam muito extremos, delirantes, o que comprometeria a verossimilhança. Tom Wolfe, ao comentar um texto de Gay Talese, pertence ao New Journalism, publicado em 1962 na revista *Esquire* (“Joe Louis: o Rei na meia-idade”), abordou a estranheza que o método causava aos jornalistas – incluindo-se no próprio conceito:

Minha reação instintiva, defensiva, foi achar que o sujeito tinha viajado, como se diz... improvisado, inventado o diálogo... (...) O engraçado é que essa foi precisamente a reação que incontáveis jornalistas e intelectuais da literatura teriam ao longo dos nove anos seguintes, à medida que o Novo Jornalismo ganhava força. (...) A reportagem realmente estilosa era algo com quem ninguém sabia lidar, uma vez que ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética (WOLFE, 2005, p. 22)¹⁵

A crítica sobre o método dos novos jornalistas traria à tona uma discussão importante: a distorção e a invenção dos fatos. Poderia haver um desvio ético no comportamento de autores como Truman Capote, que reconstituía suas histórias baseado unicamente na memória. Para se defender, Capote respondia que a não-anotação era o que mostraria o talento de quem escreve e fazia com que os entrevistados se sentissem à vontade para conversar com o jornalista:

(...) O principal ingrediente é o talento para registrar mentalmente longas conversas... (...) Acredito piamente que tomar notas (...) gera interferências e distorce ou destrói qualquer naturalidade que possa existir entre o observador e o observado, entre o nervoso beija-flor e seu predador potencial (CAPOTE, 2006, p.11).¹⁶

¹⁵ WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 22.

¹⁶ CAPOTE, Truman. **Os cães ladram**. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 11.

O New Journalism começou a perder fôlego a partir dos anos 1970, quando o movimento hippie e a contracultura iniciam um processo de pasteurização. As ideias de contestação que passaram a vigorar na segunda metade da década de 1960 – entre elas, o feminismo – se misturaram aos conceitos do próprio sistema, à medida em que se tornaram amplamente divulgadas. Entretanto, apesar da fonte motivadora do New Journalism ter esvaído-se, a corrente segue viva na forma de legado. Sua principal consequência, neste aspecto, encontraria espaço através do livro-reportagem:

(...) O principal legado do *new journalism* – (...) a melhor reportagem (...) – encontrou sua mais refinada expressão no livro-reportagem. Exatamente porque este, apesar dos avanços da reportagem literária em veículos cotidianos, ainda oferece as condições ideais para a narrativa jornalística que precisa escapar à produção industrial cerceadora do jornalismo criativo (LIMA, 2009, ps. 159-160).

Embora atrelado sobremaneira à realidade dos Estados Unidos, o New Journalism encontrou campo para sua disseminação em outras localidades. No Reino Unido, por exemplo, o humor característico das produções jornalísticas denotaria pontos em comum com a escola surgida em solo ianque principalmente entre as décadas de 1940 e 1960. Na América Latina, principalmente nos anos 1950, o jornalista Gael García Marquez lançou mão do New Journalism em seus textos e, no Brasil, algumas publicações desenvolveram jornalista de qualidade similar. Os veículos de maior destaque, neste aspecto, são a revista *Realidade* e os jornais *O Pasquim* e *Jornal da Tarde*.

4.3 Jornalismo híbrido no Brasil

Embora considerados os grandes meios de disseminação do New Journalism no Brasil, *O Pasquim*, *Jornal da Tarde* e a revista *Realidade* não foram os pioneiros da comunicação social diferenciada em território nacional. Anteriormente, houveram outros esforços empregados neste segmento – que, se não podem ser comparados ao aspecto experimental verificado nos Estados Unidos, representam rompimentos com o padrão nacional e constituem um modelo particular, adequado às características verificadas unicamente no Brasil.

Sobre o assunto, José Arbex. Jr pondera:

Existe uma diferença básica entre o público que consome jornal no Brasil e o público que consome jornal nos EUA. Essa diferença é decorrente não apenas das diferenciações sociais, como padrão de vida (...). Os EUA têm uma cultura de mídia, incluindo aí os consumidores, muito mais forte, muito mais densa, muito mais poderosa, do que a cultura de mídia do Brasil (ARBEX JR., apud Czarnobai, 2003).

O primeiro exemplo brasileiro de união entre recursos jornalísticos e literários se deu com Euclides da Cunha, no final do século XIX. Em 1897, o escritor foi correspondente do jornal *Estado de São Paulo* e retratou a Guerra de Canudos. Lançando mão de crônicas, os relatos de Euclides, dotados de liberdade estilística, foram compilados no livro *Os Sertões*, publicado em 1902.

Posteriormente, no início do século XX, João Paulo Alberto Coelho Barreto – o famigerado João do Rio – inovou no que diz respeito à técnica na coleta de dados, realizada de maneira extremamente detalhada junto às fontes. Com João do Rio, o olhar mais atento aos personagens e a humanização textual fez surgir o jornalismo interpretativo em solo nacional.

Após este primeiro momento, o país só voltaria a ter destaque na hibridização de gêneros na década de 1950 – em parte, isso se deve à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que freou as inovações estilísticas, e o desenrolar do Estado Novo comandada por Getúlio Vargas (1937-1945). O encerramento da Segunda Guerra, em 1945, também impactou e abriu espaço para o surgimento de revistas calcadas em experiências estrangeiras e baseadas em grandes reportagens. O *Cruzeiro* obteve seu ápice justamente nesse contexto. Fundada em 1928, cedeu espaço para que jornalistas como Edmar Morel, Joel Silveira e David Nasser colocassem em prática o conceito de grande revista de reportagem.

Estas publicações abriram espaço para que, no final de 1965, surgisse a revista que tornou possível ao Brasil experimentar o New Journalism de maneira efetiva: a *Realidade*.

4.3.1 Revista *Realidade*

A *Realidade* propunha a universalização dos temas tratados, não havendo qualquer discriminação no que tange à escolha ou origem das pautas. A grande intenção da revista era explorar as diferenças que compunham o Brasil, produzindo material jornalístico com utilização de texto literário, empregado juntamente com a

captação do real e obedecendo ao conceito de “contemporaneidade”: bandeira da publicação.

Na *Realidade*, o jornalismo tradicional das redações foi rompido, embora sem chegar ao mesmo grau experimental vivenciado nos Estados Unidos, por exemplo – os textos da revista não atingiam um grau de profundidade tão grande. Mesmo assim, proporcionaram terreno para a escrita do livro-reportagem e contribuíram para uma melhora na prática do jornalismo, dados os dispositivos limitados que compunham o ofício nos anos 1960.

Se a distância do tempo permite hoje enxergar alguns vazios de qualidade não preenchidos por *Realidade*, tal leitura crítica não visa desmerecer o valor histórico do modelo. Visa dimensioná-lo à luz de novos parâmetros hoje possíveis como lentes de observação. Mas é abstraído o instrumental de agora e considerando as condições da época, que podemos compreender o valor que o projeto *Realidade* teve como resgate e reprocessamento dos recursos literários no jornalismo. Nesse sentido, a revista marcou época com mérito abriu escola (LIMA, 2009, ps. 235-236).

A revista *Realidade* foi lançada pela editora Abril em 1966 e permaneceu em circulação até 1976, quando deixou de ser publicada regularmente.

4.3.2 *Jornal da Tarde*

Outra publicação que estreou em 1966 foi o *Jornal da Tarde*, cujo objetivo era utilizar uma linguagem mais criativa em textos interpretativos, cuja missão seria retratar a cidade de São Paulo. Comandado por Mino Carta, o *JT* não se prestava a competir, estritamente falando, com outros periódicos – de acordo com seus integrantes, a ideia do jornal era unir características de um jornal diário e uma revista semanal.

Linguagem plástica era outro diferencial do *Jornal da Tarde*, que buscava evitar o uso de chavões em determinadas editoriais – no caderno policial, por exemplo, condenavam-se os chavões e estimulava-se o emprego de histórias calcadas nos contos policiais. O esmero técnico fez com que vários jornalistas do *JT* escrevessem livros-reportagem.

O caráter diferenciado aparecia na capa das edições. A foto estampando o rosto de um menino chorando a derrota brasileira perante a Itália, na Copa do Mundo de futebol de 1982, conseguia captar – sem palavras – a tristeza sentida pela nação.

Com o passar dos anos, o *JT* foi perdendo importância e passou por várias mudanças estruturais, na tentativa de sobreviver ao mercado. Entretanto, enfrentou problemas, sobretudo a partir do final dos anos 1990 e na década de 2000, uma vez que não soube lidar com a disseminação da internet e a popularização das redes sociais. Deixou de ser publicado em 2012.

4.3.3 Jornal *O Pasquim*

Lançado em junho de 1969, teve sua produção idealizada um ano antes, com a morte de Sérgio Porto, mais conhecido como Stanislaw Ponte Preta. Buscava-se um substituto para o tabloide humorístico *A Carapuça*, da autoria de Stanislaw.

Sua principal bandeira era a luta contra o regime militar vivido no Brasil. Tinha um caráter inicialmente comportamental – abordando temáticas que abrangiam sexo, divórcio, feminismo e drogas –, gradativamente aumentando o teor político à medida que a repressão do Regime Militar aumentava. A intenção de *O Pasquim*, deliberadamente, era chocar, sobretudo à ditadura:

Assumidamente nanico (...) e abusado, nasceu sob a suspeita de que duraria pouco tempo (...) Mas durou, afinal, 1.072 números – o equivalente a 22 anos de vida. (...) As suspeitas iniciais tinham razão de ser. Onde já se viu um jornal sem patrão, onde todos os colaboradores podiam escrever o que bem entendessem e como bem entendessem? Pois a velha utopia de dez em cada dez jornalistas revelou-se, mais do que factível, um sucesso – fulminante e retumbante (AUGUSTO, 2006, ps. 9-10)¹⁷

Em seu auge, atingido em meados da década de 1970, atingiu a marca de mais de 200 mil exemplares de tiragem, sendo considerado um dos maiores fenômenos do mercado editorial brasileiro. Pela redação de *O Pasquim*, marcado pela irreverência, passaram figuras célebres não apenas do jornalismo brasileiro, mas também músicos e intelectuais.

Entre os exemplos, encontram-se Henfil, Ziraldo, Chico Buarque, Jô Soares, Ruy Castro, Millôr Fernandes, Paulo Francis, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso, Luis Fernando Veríssimo e Carlos Heitor Cony.

Parou de circular em 1991.

¹⁷ AUGUSTO, Sérgio. In: AUGUSTO, Sérgio e Jaguar (org.). **O melhor do Pasquim**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006, ps. 9-10.

5. O futebol

5.1 A chegada aos jornais e revistas

A primeira publicação a ceder espaço ao chamado esporte bretão foi o jornal paulistano *Fanfulla*, em 1910. À época, o futebol ainda não era tão popular quanto o remo – preferência nacional –, mas começava a sair das altas camadas da sociedade para atingir as massas. Antevendo o movimento de descentralização do esporte, a *Fanfulla* voltava-se aos imigrantes italianos, cada vez mais numerosos na São Paulo do início do século XX. O grande clube contemplado em suas páginas era o Palmeiras:

A Fanfulla é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro. O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões. E informava as fichas de todos os jogos do clube dos italianos (...). Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra (COELHO, 2011, p. 8)¹⁸

O grande salto para que o futebol parasse de ser exceção nos veículos de imprensa e virasse regra veio em 1923, no Rio de Janeiro – local que pulsava e impulsionava o Brasil. O responsável foi o Vasco, clube que abriu as portas para os negros:

Os jogos dos grandes times da época aos poucos foram ganhando destaque. Até que o Vasco, em 1923, venceu a segunda divisão apostando na presença dos negros em seus quadros. Era a popularização que faltava (COELHO, 2011, p. 9).

Em solo carioca, originou-se o primeiro periódico dedicado exclusivamente aos esportes, em 1931: o *Jornal dos Sports*. Mais antiga, a *Gazeta Esportiva* – de São Paulo – também cedia espaço ao assunto. Entretanto, só passaria a ser exclusivamente voltada a ele em 1947.

Na primeira metade do século passado, as redações esportivas encontravam um adversário complicado: o preconceito. A visão vigente na época preconizava que somente leitores de menor poder aquisitivo se interessariam por estas publicações – o que dificultaria as vendas. Como consequência, jornais surgiam e brevemente desapareciam do mercado. Entre o final dos anos 1950 e o início dos 1960, graças

¹⁸ COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

primordialmente ao bicampeonato mundial da seleção brasileira de futebol (vencedora das Copas do Mundo de 1958 e 1962), a *Revista do Esporte*, do Rio de Janeiro, viveu bons momentos. Porém, mesmo tendo o esporte bretão como carro-chefe, não resistiu ao término dos anos 1960. De acordo com o jornalista Paulo Vinicius Coelho (2011, p. 10),

Só no fim da década de 1960 os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro.

Criado em 1967, o *Jornal da Tarde* possui importância salutar no jornalismo esportivo, uma vez que corroborou para a mudança de percepção de muitos profissionais quanto ao papel do esporte. Muitos jornalistas passaram a se dedicar aos escândalos, à administração de clubes e federações e do que os cartolas praticavam fora dos gramados.

5.2 Os cronistas

Grande parte da popularização do futebol nos jornais se deve aos primeiros cronistas que voltaram suas atenções ao esporte. Para retratar a paixão nacional, a arma encontrada pelos pioneiros – como Nelson Rodrigues e Mário Filho – foi unir romance com futebol, em relatos que ultrapassavam as barreiras físicas que os próprios escritores possuíam. Além disso, as crônicas ajudaram a aumentar o número de torcedores nos estádios e fomentaram o fanatismo do brasileiro:

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento, como Bangu e Flamengo, que decidiu o Campeonato Carioca de 1966 – a partida não completou o tempo regulamentar porque o jogador Almir, do Flamengo, armou grande confusão – era por eles tratado com rara dramaticidade. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou aquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses (COELHO, 2011, p. 10).

Muitas vezes com experiência literária, os cronistas viam partidas e jogadores de maneira diferenciada, romanceada. Atletas eram retratados aos moldes de personagens fictícios, com características sobre-humanas, o que motivava o

torcedor a assistir seu clube do coração no estádio. Entretanto, não raro os profissionais da comunicação se excediam em seus relatos, acarretando em imprecisão.

O capitão do primeiro título mundial do Brasil era o zagueiro Bellini, do Vasco. Nunca foi um zagueiro de grande qualidade técnica (...). Mas Bellini era homem bonito. Encantava as mulheres e eternizou o gesto do capitão do time vencedor da Copa do Mundo de erguer a taça acima da cabeça (...). O gesto de Bellini, triunfante, (...) inspirou jornalistas como Nelson Rodrigues e Mário Filho a produzir crônicas enormes e cheias de emoção, que o celebrizaram como zagueiro elegante, mito do futebol brasileiro. Passou a ser tratado com reverência, como herói nacional (COELHO, 2011, ps. 19-20).

A partir dos anos 1970, o relato emocional, impreciso, passou a ceder lugar ao fato embasado. Um dos responsáveis por isso foi o *JT* e seu modelo de jornalismo, que passou a priorizar a notícia checada e “ajudou a excluir o mito” (COELHO, 2011).

Esta vertente disseminou-se nos cadernos esportivos e, desde os anos 1980, vigora no jornalismo em geral. Tal padrão, em certa maneira, fez e faz com que ídolos recentes do futebol não tenham o mesmo tratamento épico destinado aos bicampeões mundiais pela seleção brasileira. O atacante Ronaldo é exemplo disso.

Integrante do grupo tetracampeão em 1994, o jogador – tido como craque da equipe na Copa do Mundo seguinte – foi vice-campeão em 1998 após sofrer uma polêmica convulsão antes da disputa da final, contra a França. Um ano depois, sofreu a primeira de uma série de contusões no joelho que o afastariam dos gramados por um bom tempo. Atuando pouquíssimas vezes e passando por longa fisioterapia, foi convocado para o mundial de 2002 e, desacreditado por torcida e crítica, foi artilheiro da Copa, um dos comandantes na campanha do pentacampeonato e acabou eleito o melhor do torneio.

Entretanto, comparativamente, sua história não recebeu a mesma comoção dada aos participantes dos primeiros títulos nacionais.

Mereceu o apelido de “Fenômeno” e foi extremamente elogiado. Mas ninguém escreveu uma única crônica sobre a incrível proeza de Ronaldo. Toda a imprensa estampou os feitos do Fenômeno, em relatos repletos de... realidade! Realidade demais para história tão irreal. Nos relatos sobre o tetra e sobre o pentacampeonato faltou a dramaticidade que sobrava nas coberturas das campanhas de 1958, 1962 e 1970. Talvez tenha faltado Nelson Rodrigues (COELHO, 2011, p. 22).

5.3 O goleiro

“Goleiro é quem mais gosta da bola. Todo mundo chuta a bola. Só o goleiro abraça”¹⁹. A emblemática frase é da autoria de José Valentim da Silva, mais conhecido como Pompéia, defensor da meta do América-RJ campeão carioca de 1960.

A figura do goleiro é possivelmente a mais emblemática em uma equipe de futebol. Diferentemente dos zagueiros ou dos meio-campistas, por exemplo, não existe outro titular atuando em sua mesma posição no time em que defende. Além disso, ao contrário dos companheiros, notados pelos gols ou grandes jogadas protagonizadas, o guardador das metas somente aparece não televisão sofrendo gols – ou cometendo falhas comprometedoras (os famosos “frangos”).

De acordo com Paulo Guilherme (2006, p. 14), “o goleiro está na contramão do futebol”. Segundo o autor, “enquanto os outros dez jogadores da equipe andam para a frente, com o objetivo máximo de marcar o gol, o goleiro vê todo o fluxo da partida seguindo em sua direção, como um gladiador acuado na arena”²⁰.

O goleiro vive numa solidão terrível. Ele é um espetáculo à parte, como o primeiro bailarino de uma companhia. De certa forma, ele não tem nada a ver com os outros dez jogadores, que formam um conjunto à parte. Então, tudo o que o goleiro faz ganha destaque multiplicado: quando ele pratica uma boa defesa, que é apenas um dever, pode estar salvando o time. E uma pequena falha pode ser a tragédia (1990 apud GUILHERME, 2006, p. 14).²¹

A posição é tão particular que foi a última a ser criada no futebol. Até mesmo a figura do árbitro foi concebida anteriormente (GUILHERME, 2006, p. 25). Exatamente por essa diferenciação, um arqueiro necessita possuir características físicas, técnicas, táticas e até mesmo psicológicas distintas dos demais jogadores de linha:

Exige-se de um goleiro um tal acúmulo de capacidades corporais e psíquicas que só podem ser encontradas em poucos jogadores. A posição do goleiro requer um ensino muito especial e diverso dos demais jogadores e, mais ainda, uma educação e orientação espiritual diferente (CARLESSO, 1981, p. 34).

¹⁹ FONTES, Arthur; SALLES, João Moreira. **Futebol – um país, uma paixão**. Rio de Janeiro: Video Filmes, 1998.

²⁰ GUILHERME, Paulo. **Goleiros: Heróis e anti-heróis da camisa 1**. São Paulo: Alameda, 2006.

²¹ Gilmar dos Santos Neves, goleiro bicampeão mundial pela seleção brasileira em 1958 e 1962, em entrevista à revista *Playboy* (maio de 1990).

Ao defensor da baliza, não é permitido errar, uma vez que um mínimo equívoco – ao contrário do centroavante, o qual o erro não modifica o placar da partida – pode significar o tento adversário. Desta forma, não raro é o goleiro carregar o martírio de um resultado negativo. Sozinho.

Amigos, eis a verdade eterna do futebol: o único responsável é o goleiro, ao passo que os outros, todos os outros, são uns irresponsáveis natos e hereditários. Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Podem falhar e falham vinte, trinta vezes, num único jogo. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol e, numa palavra, a derrota (RODRIGUES, 1994).

Com uma numeração diferenciada dos outros atletas e com uniforme em outras cores, o guarda-redes nem sempre é lembrado na memória do torcedor. De acordo com o escritor uruguaio Eduardo Galeano (1995), a numeração está intrinsecamente ligada à sina do goleiro: “carrega nas costas o número um. Primeiro a receber, primeiro a pagar. O goleiro sempre tem a culpa. E, se não tem, paga do mesmo jeito”.

Todavia, a posição privilegiada em campo faz dele um analisador tático imprescindível, já que consegue observar – da sua faixa de campo – o que os companheiros de clube não notam:

Ali, parado, mero espectador do desenrolar da partida, o goleiro vai adquirindo conhecimentos teóricos, analisando o comportamento de sua equipe e do adversário, descobrindo atalhos, macetes, nuanças que seus colegas, envolvidos diretamente no contato com a bola, muitas vezes não percebem. Por isso, muitas vezes faz uso da voz para alertar os colegas sobre algum perigo iminente ou mesmo coordenar a jogada rumo à meta inimiga (GUILHERME, 2006, p. 16).

A percepção estratégica que envolve o ofício do arqueiro cativou personalidades do século XX a tentarem a sorte embaixo das traves. O papa João Paulo II, o cantor romântico Julio Iglesias (que fez parte da equipe de juniores do Real Madrid, da Espanha, e só abandonou o esporte em virtude de um acidente de carro), o revolucionário Ernesto Che Guevara, o presidente do Brasil Café Filho e o escritor Albert Camus são alguns dos que se aventuraram a defender a pelota atirada pelas equipes adversárias. O ensaísta russo Vladimir Nabokov, autor de *Lolita*, não chegou a ser goleiro, mas nutria grande admiração pela posição:

Eu era louco para ser goleiro. Na Rússia e nos países latinos, esta arte altaneira sempre esteve cercada de um halo de fascínio singular. Distante, solitário, impassível, o grande goleiro é seguido nas ruas pela meninada em transe. Rivaliza com o toureiro e os aviadores como objeto de emocionada veneração. A camisa, o boné, as joelheiras, as luvas saltando dos bolsos da calça o distinguem do resto do time. É a águia solitária, o homem misterioso, o último defensor. Os fotógrafos se ajoelham com reverência

para imortaliza-lo em pleno salto espetacular, desviando com a ponta dos dedos um fulminante chute rasteiro, e o estádio ruge de aprovação, enquanto ele permanece estendido onde caiu durante uns instantes, com a meta ainda intacta (NABOKOV, 1994).

Além de despertar admiração, o goleiro é uma importante ferramenta na evolução das regras do esporte bretão. Assim como a figura do líbero possibilitou novas técnicas no voleibol, o arqueiro auxiliou o futebol a reinventar-se – tanto no que diz respeito ao regulamento quanto até mesmo o equipamento utilizado nos cotejos.

O esporte evoluiu com os goleiros e em razão deles. As alterações na lei do impedimento, a proibição de o goleiro pegar bola recuada com as mãos, a limitação do tempo com a bola são exemplos de como o futebol mudou por causa do arqueiro. A evolução tecnológica na fabricação de material esportivo, principalmente as chuteiras, que contam com componentes que aumentam a potência do chute, e das bolas, mais propícias a tomar efeito ao longo de sua trajetória, também provocou novas exigências para os goleiros (GUILHERME, 2006, p. 25).

5.3.1 O primeiro ídolo do futebol nacional

Diferentemente do que se possa imaginar, não foi nenhum centroavante o primeiro craque a pisar nos gramados brasileiros. Tratava-se, na verdade, de um goleiro: o mineiro Marcos Carneiro de Mendonça, que defendeu clubes como Haddock Lobo, América-RJ (campeão carioca em 1914) e, mais notoriamente, o Fluminense, onde se sagrou tricampeão estadual (1917/18/19). Marcos, apelidado como “o príncipe das Laranjeiras” graças à passagem vitoriosa pelo time carioca, foi o primeiro arqueiro a vestir a camisa da seleção brasileira, e virou peça fundamental nos primeiros títulos obtidos pelo país no esporte. É, até hoje, o mais jovem a ficar embaixo das traves da seleção canarinho.

O primeiro ídolo do futebol brasileiro não foi o pioneiro Charles Miller e nem mesmo o lendário Arthur Friedenreich. O Brasil teve como primeiro grande expoente popular um homem que fazia arte com as mãos. Marcos Carneiro de Mendonça escreveu o primeiro capítulo da história da Seleção Brasileira. Participou da primeira partida da equipe nacional contra o Exeter City, em 21 de julho de 1914, e do considerado primeiro jogo oficial contra a Argentina, dois meses depois, em Buenos Aires. Foi fundamental na campanha do primeiro título da história da Seleção, a Copa Roca daquele ano, e da primeira grande glória do futebol brasileiro, a conquista do Campeonato Sul-Americano de 1919, torneio em que voltaria a ser campeão em 1922, que disputou mesmo já tendo parado de jogar (GUILHERME, 2006, p. 41).

Já nos anos 1910, o Brasil começava a desenvolver um estilo de jogar baseado no improvisado. Entretanto, Marcos se notabilizou por atuar na contramão deste movimento: seu jogo tinha como norte a física. Estudioso, o goleiro buscava o ângulo certo, a precisão, para não ser surpreendido pelos oponentes e não ter de praticar defesas acrobáticas. Encantava o público – especialmente o feminino – pela elegância apresentada em campo, a qual se refletia no uniforme impecavelmente branco.

Um mito no Fluminense (...) Foi o primeiro goleiro a defender a Seleção Brasileira (...) e era presidente do clube no bicampeonato carioca de 1940/41. Graças a sua precisa colocação, não precisava se jogar no chão para executar belas defesas, e raramente sujava seu uniforme de camisa e calções brancos que era amarrado à cintura por uma fitinha roxa (BORBA, DUARTE e VALENTINI, 2001, p. 297).

A aposentadoria de Marcos, nos anos 1920, coincide com o processo de profissionalização do futebol brasileiro. Vendo o esporte mais como lazer do que um meio de vida, o arqueiro abandonou o gol do Fluminense para cuidar dos negócios do sogro. Virou historiador e não se afastou completamente dos gramados. Foi presidente do clube das Laranjeiras na conquista do bicampeonato carioca de 1940/41.

5.3.2 Futebol paranaense no gol da seleção

No Paraná, o primeiro quíper a se destacar em âmbito nacional foi Alfredo Gottardi, o Caju, defensor da meta do Atlético-PR entre 1933 e 1950. A “Majestade do Arco”²², como era carinhosamente chamado pelo torcedor rubro-negro, rompeu o bairrismo do futebol nacional e se tornou o primeiro goleiro de uma equipe fora do eixo Rio-São Paulo a defender o Brasil, como titular. Convocado por Adhemar Pimenta, foi o guardião do gol brasileiro na Copa América de 1942.

(...) Foi com um bom desempenho no Campeonato Brasileiro de Seleções de 1942 que Caju foi selecionado pelo técnico Adhemar Pimenta para ser o goleiro do Brasil no Sul-Americano daquele ano, disputado no Uruguai. Em seis jogos pela seleção, Caju sofreu sete gols. O Brasil perdeu duas partidas, para a Argentina e o Uruguai. Os uruguaios foram os campeões, e o goleiro foi um dos destaques da equipe brasileira. De volta ao Brasil, Caju recebeu propostas para jogar no Flamengo e no Vasco. Poderia ser uma grande oportunidade para ele se firmar definitivamente como o goleiro

²² Caju recebeu a alcunha dos torcedores uruguaios, durante a Copa América de 1942. Suas atuações pelo Brasil foram tão convincentes que lhe renderam o título de melhor goleiro da competição.

número um do país. Mas a ligação de Caju com o Atlético era muito forte, coisa de família, e ele preferiu permanecer em Curitiba (GUILHERME, 2006, p. 93).

O coração falou mais alto e Caju permaneceu no Furacão até o fim da carreira. Seu filho, Alfredo Gottardi Jr., seguiu seus passos e foi zagueiro do rubro-negro paranaense nos anos 1960 e 1970.

Como forma de homenagear o arqueiro que preteriu o Rio para seguir atuando na terra natal, o Atlético-PR batizou o moderno centro de treinamento, inaugurado pelo clube em 1999, de CT do Caju.

Após Caju, outros nomes de destaque chegaram a ser convocados ao gol da seleção. Pelos feitos no Coritiba, Jairo do Nascimento e Rafael Cammarota foram chamados para compor o elenco nacional, nas décadas de 1970 e 1980, respectivamente.

Rafael chegou a viver certa expectativa em relação à Copa do Mundo de 1986. Na conquista do Brasileirão na temporada passada, ele fora eleito o melhor atleta do Brasil em sua posição e recebido o troféu Bola de Prata da revista *Placar*. Entretanto, uma confusão originada em um Atletiba após o título, ainda em 1985, fez com que o goleiro fosse suspenso por 180 dias – punição que vigorou até fevereiro do ano seguinte. O motivo: Rafael simulara uma contusão, em sinal de protesto a um gol marcado pelo Atlético-PR, na tentativa de fazer a partida ser encerrada – por reclamação, o Coxa já havia tido dois jogadores expulsos e o arqueiro, junto com alguns companheiros, tentavam deixar o time com número inferior ao mínimo permitido para que a partida continuasse.

A atitude custou ao goleiro uma severa punição imposta pelo Tribunal de Justiça Desportiva. Estava suspenso por cento e oitenta dias, até o final de fevereiro de 1986, e foi este o motivo alegado pelo técnico Telê Santana para não incluí-lo entre os convocados para o escrete nacional, tirando de Rafael a chance de disputar a Copa do Mundo no México, realizada em junho (HELÊNICOS, 2012, p. 370).

Jairo, maior atleta a vestir a camisa coxa-branca (440 jogos), defendeu a meta brasileira (como titular, em uma partida oficial) uma única vez, a convite do então treinador Oswaldo Brandão, em 1976. O cotejo, contra o Uruguai no Maracanã, foi válido pela Taça do Atlântico.

O duelo contra a Celeste, em abril de 1976, terminou em vitória do Brasil por 2 a 1 e ficou conhecido como “Fightbol”²³:

Muito antes de “fair play” virar uma filosofia de jogo limpo abraçada e propagada oficialmente pela FIFA, era menos raro que um jogo de futebol descambasse para a pancadaria desmedida. Um clássico quebra-pau (mas que, apesar da violência de marmanjos se batendo, contém alguns momentos involuntariamente cômicos) aconteceu no Brasil 2 x 1 Uruguai disputado em 28 de abril de 1976 no Maracanã. Cuja imagem mais marcante é a do uruguaio Sérgio Ramirez (hoje técnico de futebol) perseguindo Rivelino assim que o jogo foi encerrado. O duelo valeu pela Taça do Atlântico, um torneio disputado em apenas três ocasiões e que contava com Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai, em jogos de ida e volta. Comandada pelo técnico Oswaldo Brandão, a Seleção Brasileira ganhou aquela edição de 1976 com cinco vitórias e um empate (OROZCO, 2012).

O Pantera voltaria a atuar como titular embaixo das traves da Seleção em 4 de dezembro, também de 1976. Na ocasião, o Brasil realizou um amistoso contra o Internacional. Também seria convocado em 1977.

²³ OROZCO, Marcelo. “**Fightbol**”: **Brasil x Uruguai no Maracanã**. Em: <<http://vip.abril.com.br/blogs/vip-vintage/2012/06/29/fightbol-brasil-x-uruguai-no-maracana>>. Acesso em 25 de agosto de 2013.

6. Jairo do Nascimento: a relação com o Coritiba

6.1 Desconfiança na chegada ao Alto da Glória

Nos dias atuais, é comum que os goleiros tenham grande estatura, não raro chegando perto dos dois metros de altura. Entretanto, a realidade da posição no Brasil, até a década de 1970, era diferente. Um dos responsáveis por quebrar a escrita foi, justamente, o catarinense Jairo do Nascimento. Negro, nascido em Joinville, revelado pelo Caxias e sacado da reserva do Fluminense, pelo Coritiba, então com 26 anos:

Dois arqueiros de destaque na época, Joel Mendes e Célio, ídolos da torcida coxa-branca, tinham menos que um metro e oitenta. O importante naquela época não era ser alto, mas ter agilidade e precisão na saída do gol. Por isto, causou espanto, e até mesmo certa desconfiança, a contratação de um negro de um metro e noventa e quatro para defender a meta do Coritiba em 1972 (HELÊNICOS, 2012, p. 304).

A preocupação era dupla. Primeiro, o comentário geral era de que um atleta tão alto não seria hábil o suficiente para defender bolas rasteiras. Segundo, porque – apesar de o preconceito racial já não ser tão forte – o mito do goleiro negro fez o torcedor coxa-branca recepcionar Jairo com descrédito. A crença de que o afrodescendente não teria capacidade técnica nasceu após o lance que resultou no gol do título uruguaio diante do Brasil, em partida válida pela Copa do Mundo de 1950. Conforme a opinião pública, o quíper Barbosa falhou no lance:

A suposta falha de Barbosa na decisão contra o Uruguai deixou escapar o título mundial em pleno Maracanã superlotado por fanáticos torcedores. O arqueiro do Brasil, que morreu em 2000, conviveu com o estigma de ser um dos principais culpados pela derrota até o fim de seus dias. A partir do gol de Ghigia, o segundo da vitória uruguaia por 2 a 1, os goleiros negros passaram a ser preteridos em relação aos brancos (HUBER *et al*, 2006).

O estigma na posição foi tão grande que, misturado à superstição, fez com que fossem necessários 56 anos para que a Seleção fosse representada por um arqueiro titular negro em uma Copa do Mundo. Depois de Barbosa, somente Dida, em 2006, na Alemanha, teria uma chance no principal torneio do futebol mundial.

Se Jairo já fora contestado logo na chegada ao Alto da Glória, vindo do Fluminense, sua estreia apenas deu força aos críticos. Em amistoso contra a seleção do Zaire (atual República Democrática do Congo), em 9 de fevereiro de

1972, o arqueiro foi vazado em três oportunidades. De acordo com o grupo de historiadores Helênicos, Jairo

(...) Tomou três gols considerados de fácil defesa no empate por 3x3 (...). Naquele dia, ele saiu vaiado de campo, e muitos acharam que seria a última vez que o veriam em ação, pois achavam que ele jamais jogaria pelo time do Alto da Glória novamente (HELÊNICOS, 2012, p. 304)

Reserva de Félix nas Laranjeiras, o goleiro precisou passar por um novo período como suplente após a estreia. Até que, três meses mais tarde, com a contusão de Célio, Jairo assumiu o gol coxa-branca na vitória por 5 a 0 diante do Jandaia, em 10 de maio de 1972, e conquistou a titularidade. A goleada, válida pelo Campeonato Paranaense daquele ano, representou o primeiro cotejo oficial do arqueiro pelo Coxa.

6.2 Títulos e recordes

No primeiro ano defendendo o Coritiba, Jairo conquistou o título estadual e estabeleceu o recorde de tempo sem ser vazado entre os goleiros coxas-brancas, compreendendo certames do final do Campeonato Paranaense e do início do Campeonato Brasileiro – 933 minutos.

Também em 1972, o jogador iniciou uma prática incomum até mesmo para os dias atuais: atuar com uma numeração especial na camisa, rompendo com o padrão da posição – novidade que não foi bem recebida por todos.

(...) Jairo passou a jogar com a camisa número quarenta e seis, ano de seu nascimento, para se diferenciar dos demais goleiros. Alguns árbitros, porém, não gostaram da novidade, e ele teve que abandonar a prática, voltando à tradicional camisa um (HELÊNICOS, 2012, P. 306).

Na temporada seguinte, o arqueiro conquistaria o primeiro de seus títulos nacionais com a camisa alviverde: o Torneio do Povo de 1973.

Apelidado de “Muralha de Ébano” e “Pantera Negra”²⁴ graças à proeminente envergadura e extrema agilidade, Jairo tinha na calma sua grande virtude. Embora criticado nos primeiros momentos como atleta do Coritiba, o Pantera soube lidar com as vaias e se tornou um talismã em horas decisivas.

²⁴ PLACAR: **CORITIBA FOOT BALL CLUB – 100 ANOS DE GLÓRIAS**: *Ontem, hoje, eternamente. O Coxa celebra seu centenário e é você quem recebe o presente*. São Paulo: Editora Abril, 2009.

Nos momentos em que a partida estava quente e os ânimos mais acirrados, Jairo era a consciência do time coritibano, fazendo defesas que pareciam impossíveis aos olhos da torcida (...). No começo, os racistas fizeram zunzum, mas também eles viraram adoradores de Jairo (PLACAR, 1989, p. 41).

Jairo é largamente considerado um dos responsáveis principais pela conquista do hexacampeonato estadual conquistado pelo Coritiba entre 1971 e 1976 – campanha esta que, ao lado da sequência obtida pelo Britânia (um dos embriões que culminariam na fundação do Paraná Clube, em 1989) entre 1918 e 1923, é a maior já registrada no futebol paranaense. A mística em torno de seu nome ficou tão forte entre os torcedores que muitos creditam o vice-campeonato estadual de 1977 como fruto de sua saída do time. Na conquista do hexacampeonato,

Jairo esteve debaixo dos três paus em todos eles, só saindo no quadrangular final do campeonato de 1976, disputado já em 1977, quando foi negociado. O goleiro é considerado por muitos como uma espécie de amuleto da sorte do clube, pois no primeiro Campeonato Estadual disputado sem Jairo no time o Coritiba acabou derrotado em pleno Estádio Belfort Duarte (hoje Couto Pereira) pelo Grêmio de Maringá (PLACAR, 1989, p. 41).

Ao deixar o Coxa em 1977, Jairo se transferiu ao Corinthians. No novo clube, conquistou o Campeonato Paulista (como reserva de Tobias), no qual o Timão rompeu uma sequência de 23 anos sem títulos. No ano seguinte, estabeleceu novo recorde individual – pelo Campeonato Brasileiro, permaneceu 1.132 minutos sem sofrer gols, maior sequência invicta de um goleiro na história do Brasileirão.

6.3 Segunda passagem

Em 1983, após passagem pelo Náutico, retornou ao Alto da Glória. Foi titular da posição até o fim da temporada seguinte, perdendo espaço com a chegada de Rafael. Embora na condição de reserva, foi campeão brasileiro em 1985 e participou de uma partida decisiva na campanha que culminou na maior conquista da história coxa-branca:

Ele jogou apenas uma partida, a primeira das semifinais contra o Atlético Mineiro. Rafael estava suspenso por ter levado o terceiro cartão amarelo, e Jairo, escalado para o jogo, declarou: “*Sou bom e tenho estrela em decisões*”. Ele estava certo. Logo no início do jogo, o ponteiro-direito atleticano, Sérgio Araújo, bateu forte e Jairo fez uma belíssima defesa, levando os torcedores a gritarem seu nome com entusiasmo (HELÊNICOS, 2012, p.308).

Em 1986, adicionou mais um Campeonato Paranaense à galeria de títulos com o Coritiba, já aos 40 anos de idade. Em 31 de maio de 1987, cinco meses antes de completar 41 anos, realizou seu 440º e último jogo pelo Coxa, um recorde pelo clube do Alto da Glória. Também é o atleta que mais disputou partidas oficiais pelo Coritiba – 410 jogos – e o único a ter conquistado dos títulos nacionais defendendo a equipe paranaense (Torneio do Povo de 1973 e Campeonato Brasileiro de 1985).

6.4 Seleção Brasileira

Para um goleiro defensor de uma equipe paranaense, ser convocado à servir a seleção nacional nunca foi tarefa das mais fáceis. Era necessário se destacar, já que a maioria dos olhares se voltava a estados mais tradicionais no futebol do país, como Rio de Janeiro e São Paulo. O desempenho de Jairo pelo Coritiba foi sólido o suficiente para chamar a atenção de Oswaldo Brandão e fazê-lo chegar ao escrete do Brasil.

Jairo foi convocado por Brandão em algumas oportunidades, mas foi titular em duas oportunidades, ambas em 1976. A primeira, em abril de 1976, na vitória por 2 a 1 sobre o Uruguai, em partida válida pela Taça do Atlântico – partida a qual ficou conhecida por “Fightbol”, em virtude da confusão envolvendo Rivelino e o lateral uruguaio Ramirez. A segunda partida defendendo a meta canarinho ocorreu em 4 de dezembro, também em 1976, em amistoso contra o Internacional de Porto Alegre (HELÊNICOS, 2012, p. 306).

Em janeiro de 1977, pouco antes de acertar sua transferência ao Corinthians, o Pantera também foi lembrado por Oswaldo Brandão.

6.5 Legado

Ao deixar o Alto da Glória pela segunda vez, Jairo se transferiu para o América-MG, onde foi campeão brasileiro da Segunda Divisão. Saindo do Coelho em 1989, perambulou por outros clubes do futebol mineiro – Atlético Tricordiano (1990), Villa Nova (1990/91) e Trespontano (1992), onde encerrou a carreira, aos 46 anos.

Mesmo 26 anos após sair do Coxa, Jairo ainda é lembrado com carinho por torcedores alviverdes e críticos do futebol. O arqueiro é considerado por muito como o maior atleta da história do clube e goleiro mais representativo do time paranaense.

Em entrevista concedida à edição comemorativa dos 100 anos do Coritiba, elaborada pela revista *Placar* em 2009, o ex-goleiro do Atlético-PR e da Seleção Brasileira, Caju, afirmou que Jairo era uma “joia. (...) Ágil, muito inteligente. Embora eu admire o Félix e o Mazurkiewicz, é o melhor do Brasil”²⁵.

Na mesma edição da publicação, o Pantera foi escolhido como goleiro do time dos sonhos do Alviverde.

²⁵ TEIXEIRA, Hélio. **Jairo, o Pantera Negra**. Contido em: **PLACAR: CORITIBA FOOT BALL CLUB – 100 ANOS DE GLÓRIAS: Ontem, hoje, eternamente. O Coxa celebra seu centenário e é você quem recebe o presente**. São Paulo: Editora Abril, 2009. p. 19.

7. Procedimentos metodológicos

Para a elaboração deste livro-reportagem, realizou-se a leitura de livros-reportagem e uma pesquisa bibliográfica inicial acerca das principais conquistas e recordes estabelecidos por Jairo do Nascimento enquanto goleiro do Coritiba. Além disto, foi necessária a pesquisa sobre dados relativos ao clube coritibano, as peculiaridades que compõe a posição de arqueiro no futebol e a forma como o futebol tornou-se popular a ponto de figurar em jornais e periódicos de imprensa.

Mais tarde, a pesquisa do estigma dos goleiros negros no esporte nacional foi realizada, com o intuito de obter um norte ao processo de entrevistas. A verificação através de revistas e livros contemplou ainda o panorama do afrodescendente em Curitiba e o momento em que passaram a figurar em agremiações futebolísticas locais.

Passado o momento de reunião de dados, iniciou-se o processo de entrevistas, como forma de investigação dos dados obtidos na pesquisa. Vários personagens que fizeram parte diretamente da trajetória de Jairo, tais como ex-companheiros de Coritiba, foram ouvidos. Atletas integrantes da cena paranaense também. Assim como jornalistas que estavam ativos entre os anos 1970 e 1980, quando o goleiro atuava pelo Alto da Glória. Outros arqueiros coritibanos também fizeram parte deste momento do projeto, contribuindo e muito para a riqueza das informações.

Principal fonte, Jairo prestou depoimentos e concedeu informações para a confecção do livro.

O método principal na obtenção de informações foi a realização de entrevistas, aliada a consulta a livros e revistas esportivas e materiais relativos à teoria do livro-reportagem. Como forma de verificação das partidas oficiais disputadas por Jairo no Coxa, o Grupo Helênicos disponibilizou o acesso a fichas técnicas do clube. A Federação Paranaense de Futebol e o Coritiba Foot Ball Club também foram consultados.

Estudiosos da questão afrodescendente em Curitiba contribuíram, ainda, com o projeto.

A grande maioria das entrevistas foi gravada, para que os dados fornecidos pelas fontes pudessem ser analisados da maneira mais verossímil possível.

8. Conclusão

Este trabalho visou mostrar, através de um livro-reportagem, como foram as duas passagens de Jairo do Nascimento defendendo o Coritiba Foot Ball Club, privilegiando a primeira – a chamada Era de Ouro coxa-branca. Por ter rompido o preconceito para com goleiros altos e negros nos anos 1970, o ex-atleta configurou o exemplo ideal para análise de um período tão frutífero para o futebol curitibano.

Em um esporte marcado inicialmente pelo caráter elitista, as principais equipes locais contavam com status similar: Coritiba e Atlético-PR, oriundos das classes dominantes, levaram certo tempo para apresentarem atletas negros em seus elencos – ao contrário de Britânia e Ferroviário, fundados por operários. Aparições estas que contribuíram para a massificação do esporte no estado e também no país, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

O estigma de Barbosa, o arqueiro que a opinião pública culpou pela derrota brasileira, em casa, na Copa de 1950, reinava forte. Na Seleção Brasileira, somente em 2006 outro arqueiro de cor chegaria à titularidade em um mundial. Jairo não quebrou esta barreira, mas conseguiu ser convocado – enquanto atleta coritibano – em uma época onde Rio e São Paulo dominavam o escrete nacional.

Um ídolo negro em um clube coxa-branca, que saiu da condição de “jogador de basquete”, como a opinião pública o cunhou na chegada ao Alto da Glória, para se sagrar o único jogador a conquistar dois títulos nacionais pelo Alviverde. Detentor do recorde de invencibilidade entre quíperes do time e peça fundamental na conquista dos cinco últimos canecos que compuseram o hexacampeonato paranaense 1971-76 – maior série na era profissional do esporte local.

Um jogador que preferia usar a 22 ou a 46, ao invés da camisa 1, que serve para mostrar como o Paraná saiu de uma condição inferior aos adversários do “eixo” e passou a ser respeitado no país. Um exemplo que serve para elucidar, ainda, o momento vivido pelos afrodescendentes nos anos 1970 e 1970, que deixaram de serem minorias nas agremiações futebolísticas.

Este livro busca, ainda, homenagear àqueles que fizeram parte da história coritibana e do esporte curitibano nesta etapa de autoafirmação. Assim como servir de fonte para os que quiserem saber mais sobre Jairo, Coritiba e futebol local.

9. Referências Bibliográficas

ALVAREZ, Maria Esmeralda Ballester. **Organização, Sistemas e Métodos – Volume 1**. São Paulo: McGraw Hill, 1990.

ARBEX JR., José. **Showrnalismo: a notícia com espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AUGUSTO, Sérgio. *In*: AUGUSTO, Sérgio e Jaguar (org.). **O melhor do Pasquim**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

BORBA, Alex; DUARTE, Marcelo; VALENTINI, Danilo. **Enciclopédia do Futebol Brasileiro 1**. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2001.

BORBA, Alex; DUARTE, Marcelo; VALENTINI, Danilo. **Enciclopédia do Futebol Brasileiro 2**. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2001.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Texto documentário: Espaço e sentido, tese de livre docência**. São Paulo, ECA, USP, 1986.

CARLESSO, Raul Alberto. **Manual de Treinamento do Goleiro**. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1981.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo (SP): Companhia Editora Nacional, 1978.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo – o filho bastardo do *New Journalism***. Porto Alegre, 2003.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo – um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2005.

FONTES, Arthur; SALLES, João Moreira. **Futebol – um país, uma paixão**. Rio de Janeiro: Video Filmes, 1998.

FOOT BALL CLUB, Coritiba. **CORITIBA F.C. – III campeonato nacional**. Departamento de Relações Públicas do clube, 1973.

FOOT BALL CLUB, Coritiba. **Coritiba Foot Ball Club**. 1987.

FOOT BALL CLUB, Coritiba. **Linha do tempo**. Disponível em: <<http://www.coritiba.com.br/editorialistagem/33>>. Acesso em 22 de outubro de 2013.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

- GUILHERME, Paulo. **Goleiros: Heróis e anti-heróis da camisa 1**. São Paulo: Alameda, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HELÊNICOS, Acervo. **Jairo: a muralha que fechava o gol do Verdão**. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/esportes/news/402348/>>. Acesso em 28 de outubro de 2013.
- HELÊNICOS, Grupo. **Eternos Campeões: Coritiba Foot Ball Club e seus atletas inesquecíveis**. Curitiba: Grupo Helênicos, 2012.
- HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- HUBER, Frederico *et al.* **Racismo no Futebol – Considerado um momento de união e de igualdade entre as pessoas, o futebol também traz casos de preconceito racial em sua história**. Rio de Janeiro: Eclética, 2006.
- JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo – o mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos**. 1ª edição. São Paulo, Panda Books. 2011.
- LEME DE ARRUDA, Marcelo. **Seleção Brasileira (Brazilian National Team) 1976-1977**. Disponível em: <<http://www.rsssfbrazil.com/sel/brazil197677.htm>>. Acesso em 29 de outubro de 2013.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição. Barueri, SP; Manole, 2009.
- MACHADO, Heriberto Ivan & CHRESTENZEN, Levi Mulford. **Futebol – Paraná – História**. Edição dos autores, 1991.
- MACHADO, Heriberto Ivan & CHRESTENZEN, Levi Mulford. **Futebol do Paraná: 100 anos de História**. Edição dos autores, 2005.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo, Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo, Ática, 1986.
- MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- NABOKOV, Vladimir. **A pessoa em questão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NASCIMENTO, Izaias. **Barbosa – goleiro de 50 – 90 anos de nascimento**.

Disponível em: < <http://blog.maismemoria.net/?p=4283>>. Acesso em 23 de outubro de 2013.

NEVES, Milton. **Que fim levou? – Jairo: ex-goleiro do Coritiba, Corinthians e Náutico.**

<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/quefimlevou_interna.php?id=1574&sessao=f>. Acesso em: 23 de junho de 2013.

OROZCO, Marcelo. **“Fightbol”: Brasil x Uruguai no Maracanã.** Em: <<http://vip.abril.com.br/blogs/vip-vintage/2012/06/29/fightbol-brasil-x-uruguai-no-maracana>>. Acesso em: 25 de agosto de 2013.

PEREIRA, Edilson. **Goleiro Jairo do Nascimento sofreu na era pós-Barbosa.** <<http://www.parana-online.com.br/editoria/esportes/news/699108/?noticia=GOLEIRO+JAIRO+DO+NASCIMENTO+SOFREU+NA+ERA+POS+BARBOSA>>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

PESSÔA, Carlos Alberto. **Modos e Modas.** 1ª edição. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

PESSÔA, Carlos Alberto. **O sábio de chuteiras.** 1ª edição. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.

PESSÔA, Carlos Alberto. **O velho e rude esporte bretão.** 1ª edição. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010.

PLACAR: AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL – **CORITIBA.** São Paulo: Editora Abril, 1989.

PLACAR: **CORITIBA FOOT BALL CLUB – 100 ANOS DE GLÓRIAS: *Ontem, hoje, eternamente. O Coxa celebra seu centenário e é você quem recebe o presente.*** São Paulo: Editora Abril, 2009.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **New Journalism: a reportagem como criação literária.** Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (Cadernos de Comunicação. Série Estudos; v. 7). Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003.

SÉRGIO, Ricardo. **Como fazer citações da internet.** <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1861690>> Acesso em: 25 de agosto de 2013.

TOBY. **Coritiba, Campeão Brasileiro de 1985.** Edição do Autor: Curitiba, 2009.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.